

# **A Percepção do racismo e suas influências na construção da identidade das mulheres negras da cidade de São Paulo**

## **The perception of racism and its influences on the construction of the identity of black women in the city of São Paulo**

Laís Rafaela Nascimento Silva<sup>a</sup>, Mara Aline de Campos dos Santos<sup>b</sup>

a: Graduada do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, Brasil

b: Psicóloga, Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, Brasil

### **RESUMO**

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de iniciação científica, que investigou como o racismo pode influenciar a construção da identidade das mulheres negras e quais as percepções dessas mulheres sobre ele. Trazendo os processos de desenvolvimento da identidade e buscando relacionar com a experiência de ser negra em uma sociedade que foi estruturada de forma racista, visa demonstrar como o racismo estrutural atravessa diversos fatores da vida dessas mulheres e, mais precisamente, em como pode afetar a sua saúde mental e a construção de sua identidade. Utilizando uma metodologia qualitativa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e entrevistas baseadas no método de história de vida, com mulheres negras residentes da cidade de São Paulo, onde destacamos os principais temas encontrados em cada uma destas. Concluímos que os efeitos psicossociais do racismo podem trazer prejuízo significativo para a saúde mental da mulher negra, podendo influenciar sua autoestima, trazer prejuízo no desenvolvimento das suas relações afetivas e alterar o seu autoconceito, sua forma de ver a si mesma e o seu ambiente.

**Descritores:** construção social da identidade, discriminação racial, processo de socialização, racismo, violência contra as mulheres afrodescendentes

### **ABSTRACT**

This article is the result of scientific initiation research, which investigated how racism can influence the construction of black women's identity and what these women's perceptions are about it. Bringing the processes of identity development and seeking to relate to the experience of being black in a society that was structured in a racist way, it aims to demonstrate how structural racism crosses different factors in these women's lives and, more precisely, how it can affect their mental health and the construction of their identity. Using a qualitative methodology, bibliographical research and interviews-based life history method were carried out with black women residing in the city of São Paulo, where we highlighted the main themes found in each of these. We conclude that the psychosocial effects of racism can significantly harm the mental health of black women, which can influence their self-esteem, impair the development of their affective relationships and change their self-concept, their way of seeing themselves and its environment.

**Descriptors:** social construction of identity, racial discrimination, socialization process, everyday racism, violence against Afro-descendant women

### **INTRODUÇÃO**

Crescer negra em uma sociedade estruturalmente racista pode implicar diversas dificuldades e consequências para a mulher. O *bullying* e o preconceito enfrentados, a idealização do

branco como uma forma, um modo de viver a ser alcançado, influenciam diretamente a construção do sujeito negro, sua forma de ver o mundo e a si próprio, trazendo como consequência a não aceitação do corpo e suas características.

Buscando relacionar as experiências de mulheres negras em um ambiente racista, sem identificação e valorização de suas características e capacidades, este artigo questiona como suas identidades são afetadas com essa vivência. Como é o desenvolvimento psíquico, intelectual e social de uma mulher, que em diversas situações de sua vida é diminuída pela cor de sua pele e sua origem, seja na sua família, escola ou trabalho, enfrentando violências de forma direta e indireta?

Alguns efeitos psicossociais do racismo para suas vítimas já são conhecidos e sido apresentados no manual de referências técnicas para a prática do psicólogo, do CFP (2017) relações raciais, entre eles a utilização de mecanismos de defesa e o dilaceramento psíquico, utilizados como uma tentativa de manutenção da integridade psíquica do sujeito.<sup>1</sup>

Neste mesmo manual, é explorado o conceito de racismo pessoal ou internalizado, que, exercido de modo intencional ou não, coloca negros e brancos em posição de inferioridade e superioridade respectivamente, dessa forma, o sujeito que sofre o racismo internaliza a inferioridade proposta por coerção pelo branco e acredita nela, se posicionando para se diminuir em relação ao outro, além de acreditar que suas características que o identificam como negro são ruins em comparação com as do branco, tornando um ideal alcançá-las. É possível identificar o racismo internalizado também em narrativas da cultura brasileira, por exemplo, em suas expressões e ditos populares, como: preto de alma branca, inveja branca, entre outros, criados para enaltecer o branco em relação ao corpo negro.

Este artigo traz, para além dos efeitos e consequências do racismo na vida das mulheres negras, as suas histórias de vida, procurando articular o conhecimento acumulado em estudos e pesquisas sobre relações étnico-raciais no Brasil e o relato livre das participantes da presente pesquisa.

Na pesquisa bibliográfica, trazemos vivências de mulheres negras com diferentes idades que em suas experiências de vida passaram e/ou passam por experiências de racismo. Visando identificar como ele interferiu nas suas vidas, seus relacionamentos e funções desempenhadas nos seus grupos e individualmente, na construção do seu autoconceito e autoestima, e em aspectos emocionais e psíquicos. Além disso, iniciamos uma discussão sobre a construção da identidade sob diferentes perspectivas e sobre o racismo e suas consequências na sociedade brasileira, como ele foi construído e é socialmente reproduzido e vivido pelas pessoas negras hoje.

Abordando diferentes aspectos da vida da mulher negra, com suas experiências e histórias de vida diferenciando umas das outras, os relatos possuem algumas características que se aproximam um dos outros, a principal delas: o sofrimento causado pelo racismo.

### **O racismo e suas implicações**

Para entendermos melhor o que é o racismo estrutural e como ele aparece no Brasil, primeiro precisamos entender seu conceito e o que ele representa para os negros e brancos brasileiros. Nas palavras de Almeida (2018),<sup>2</sup> podemos compreender que o racismo não se restringe a atos individuais de ofensa e/ou discriminação, mas que esses atos também fazem parte de um complexo sistema onde “condições de subalternidade e de privilégio se distribuem entre grupos raciais”, influenciando a sociedade política e economicamente.<sup>2</sup>

A ideia de raça surgiu como objeto de estudo, inicialmente para classificar e diferenciar categorias de espécies, com o intuito de facilitar a identificação de vegetais, minerais ou espécies animais, por exemplo. Durante os séculos XIX e XX, pensadores utilizaram o termo para comprovar “cientificamente” a existência de uma classificação da raça humana, conceitos como darwinismo social e evolucionismo social se tornaram populares para comprovar a superioridade de uma raça em detrimento de outras. Dentre as teorias que ficaram conhecidas como “racismo científico”, duas se popularizaram: a monogenista e a poligenista. Enquanto a primeira considerava haver uma evolução de grupos que superaram outros grupos, para a segunda, existiam várias subespécies humanas, de diferentes origens, onde algumas eram estritamente superiores às outras.<sup>1</sup>

Segundo Munanga (2003)<sup>3</sup>, essa tentativa de classificação da raça humana acabou se tornando uma hierarquização de grupos sociais que contribuiu para a origem do racismo. Contrariando essa pseudociência, alguns pesquisadores trabalhando com genética humana cruzaram diversos materiais coletados de diferentes origens, e chegaram à conclusão de que:<sup>3</sup>

(...) os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais distantes que os pertencentes a raças diferentes; um marcador genético característico de uma raça, pode, embora com menos incidência ser encontrado em outra raça. Assim, um senegalês pode, geneticamente, ser mais próximo de um norueguês e mais distante de um congolês (...). Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem (grifos nossos).<sup>3</sup>

Compreendendo, então, que o fato da inexistência de raças na perspectiva biológica, não significa que todos os indivíduos humanos sejam geneticamente iguais, mas sim que as diferenças existentes não são suficientes para exigir uma classificação. Ainda assim, o termo raça continua sendo utilizado para categorizar a construção social existente, dividindo os privilégios e funções dos sujeitos conforme o grupo no qual pertencem.<sup>3</sup>

Almeida (2018)<sup>2</sup> traz uma reflexão das características do racismo e didaticamente os separa entre: individualista, institucional e estrutural. Essas divisões são baseadas em critérios como subjetividade, economia e o Estado e em como as relações são moldadas por cada um deles.

Na individualista, possui uma perspectiva com grupos isolados ou de forma individual, dessa forma, alguns indivíduos ou grupos são os racistas e não toda a sociedade, e quando ocorrem as discriminações raciais, acontecem investigações e se necessário, aplicações jurídicas para intervenções pontuais. Na institucional, afirma que os conflitos raciais são parte das instituições, constituída pela sociedade e não apenas pelas ações pontuais de indivíduos ou grupos, se configurando racionalmente para que se naturalize a posição favorável de homens brancos, conservando sua posição de poder e, ao mesmo tempo, dificultando o acesso de mulheres e homens não brancos, mantendo suas posições de submissão. Esse conceito foi considerado um grande diferencial nos estudos sobre questões raciais, porque demonstra que o racismo não fica restrito somente às ações individuais e é mantido por instituições que sustentam essa configuração social, possibilitando, com isso, a abertura de um espaço para a discussão do racismo estrutural, que parte da conclusão de que se “as instituições são racistas é porque a sociedade é racista”.<sup>2</sup> Logo, existe uma configuração social que privilegia certos grupos em detrimento de outros de forma implícita e estrutural, trazendo diversas implicações, como o mito da democracia racial, por meio do qual os próprios brasileiros acreditam que não há racismo no país e que existe harmonia e igualdade entre os grupos.<sup>4</sup>

Na mesma perspectiva, outra tentativa de defender o mito da democracia racial é através do argumento sustentado pela ideia de meritocracia, trazendo a falsa compreensão de que negros e brancos são vistos com igualdade, considerando as “conquistas” de brancos como possíveis de serem alcançadas pelos negros através de esforço e dedicação.<sup>5</sup>

Entretanto, em uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016, nas 500 maiores empresas do país, revela que 95,1% dos brancos ocupam uma posição no conselho de administração, enquanto os negros ocupam 4,9% do mesmo posto, e isso permanece também nas posições do quadro executivo (94,2% brancos e 4,7% negros) e de gerentes (90,1% brancos e 6,3% negros), indicando que o acesso a cargos de liderança é viabilizado majoritariamente a profissionais brancos.<sup>6</sup>

A percepção de cada indivíduo, negro ou branco e a forma com que o racismo estrutural afeta sua construção social e racial é subjetiva, porém, existem efeitos comuns a cada grupo definidos aqui como negritude e branquitude, respectivamente. Esses efeitos se constituem da visão que cada grupo tem de si e dos outros grupos, sobre suas identidades raciais e os papéis sociais que cada um representa.

As vivências do branco no Brasil, só são possíveis de serem observadas em comparação com as outras raças, compreendendo, assim, que o indivíduo branco se encontra em uma posição de privilégio enquanto não existe o questionamento do ser branco enquanto ser racializado.<sup>7</sup> O termo branquitude refere-se à construção sócio-histórica de uma identidade branca, construída em meio a uma lógica de opressão, violência e privilégios, onde o branco é considerado um ser universal, um padrão que deve ser seguido ou alcançado pelos não brancos,<sup>8</sup> nesses termos, uma das principais lógicas da branquitude é se considerar a norma ou o natural e os demais como os seres racializados, sendo assim os que não possuem tal privilégio.

Justamente porque brancos (...) estão no topo da pirâmide social, política e econômica, portanto eles não têm necessidade nenhuma para se mobilizar politicamente, para reivindicar e negociar o que já têm consolidado na sociedade. O tigre não precisa proclamar e gritar sua tigridade, pois ele domina a selva de que é rei (MUNANGA K, 2012).<sup>9</sup>

Seguindo o pensamento de Munanga, se não é necessário reivindicar um poder que já te pertence, o silêncio se torna a forma de manutenção desse poder.<sup>9</sup> O conceito de Maria Aparecida Bento (2002) sobre o pacto narcísico da branquitude traduz esse silêncio como uma forma de proteger o privilégio branco através de alianças, que além de negar as questões raciais, coopera “pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica e política do negro, no universo social”.<sup>10</sup> Através dessas alianças, a branquitude se protege e mantém a posição que ocupa na sociedade, além de direcionar a responsabilidade das questões raciais para o negro.<sup>11</sup>

Em contrapartida, a racialização do negro é imposta ao indivíduo desde suas primeiras experiências de vida, ela foi desenvolvida pelo olhar que o branco fixou sobre o ser negro,<sup>9</sup> e não possui uma perspectiva biológica, mesmo com a cor da pele como um elemento principal para a diferenciação. O que identifica os negros em comum é a violência física, cultural, epistemológica, religiosa, entre outras das quais foram vítimas. Suas diferentes origens foram destruídas e reduzidas a uma raça e a “negritude deve ser vista também como confirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas”.<sup>9</sup>

Sendo assim, a população negra possui diferenças que caracterizam individualmente os sujeitos e que não devem ser limitadas a uma raça, mas também possui vivências comuns, seja de racismo e de violência durante o percurso de suas vidas, ou pelo sentimento de

pertença a um grupo, ter algo em comum entre todos, possibilitando uma identificação um com os outros em diversos aspectos, caracterizando a manifestação de uma identidade negra.

Essa identidade negra é construída e reconstruída ao longo da vida do sujeito, se pensarmos nas experiências de uma criança negra em seu período escolar, os relatos sobre os casos de preconceito racial sofridos na infância demonstram como essa estrutura racial faz com que desde cedo os negros sejam inferiorizados perante a sociedade, seja de forma intelectual, vistos como incapazes de realizar as tarefas, no padrão de beleza estabelecido, que diminui as características estéticas da pessoa negra ou no tratamento de menosprezo dos professores e de outros alunos para com os alunos negros, manifestados intencionalmente ou não. Dessa forma, o ambiente escolar passa a ser um “espaço em que ocorre a reprodução e a retroalimentação de preconceitos e discriminações”.<sup>12</sup>

Essas experiências também trazem um processo de auto-ódio para a pessoa negra, uma vivência semelhante à de quem vive situações de violência, onde aparecem sentimentos de desprezo e culpa, como se a vítima fosse responsável por causar uma situação criada pelo outro e que pode alterar o seu autoconceito e desenvolver uma percepção distorcida de si, na medida enquanto se coloca como inferior ao sujeito branco que comete a violência.<sup>13</sup>

Além disso, esse auto-ódio é capaz de gerar uma negação do sujeito enquanto pessoa com direitos e qualidades, a diminuição de sua autoestima e uma idealização do “tornar-se branco” como um prêmio a se alcançar. Fazendo com que “o negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procure identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais”.<sup>14</sup>

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon (2008)<sup>15</sup> reflete sobre algumas ações de negros que almejam ser vistos com dignidade pela sociedade, com comportamentos que visam a diminuição do peso que é ser negro através do uso de uma máscara branca, como diz o próprio título. O casamento, por exemplo, é visto como essa possibilidade de “ascensão” do negro, o segundo capítulo da referida obra, *A mulher de cor e o branco*, traz a reflexão do objetivo que as mulheres negras têm em se casar com um homem branco, mesmo que não sejam verdadeiramente amadas, “pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça, salvar a raça (...)”.<sup>15</sup>

Se trouxermos em conjunto com o pensamento de Bento (2002), a tentativa de miscigenação está presente num ato de embranquecimento da raça, e assim, trazer a possibilidade de participar de um espaço que é exclusivo dos brancos, mesmo que seja apenas uma idealização.<sup>14</sup>

## Possíveis Identidades

Diversos teóricos buscaram conceitos para definir como se dá a construção da identidade em um indivíduo. Segundo Damatta<sup>16</sup>: “Trata-se, sempre, da questão da identidade. De saber quem somos e como somos, de saber por que somos”.<sup>16</sup> Algumas delas nos ensinam que o reconhecimento do eu se dá se diferenciando do outro.<sup>17</sup>

Numa perspectiva da psicologia sócio-histórica, baseada nas teorias de Vygotsky, “estuda o ser humano e seu mundo psíquico como construções históricas e sociais da humanidade”,<sup>17</sup> com uma visão de que o indivíduo tem função transformadora de seu mundo e que essa transformação o modifica social e psicologicamente,<sup>18</sup> assim o indivíduo consegue reformular sua identidade conforme as mudanças externas e internas.

Sendo assim, o conceito de identidade como algo estático ou essencialista não cabe, como constatou Ciampa<sup>19</sup> colocando a identidade como um processo de metamorfose.<sup>20</sup> Esse processo ocorre durante toda a vida humana, como uma obra que não termina e sempre será modificada. O indivíduo não nasce preestabelecido, ele é construído e desconstruído de acordo com suas vivências particulares e suas relações sociais, porém, o social interfere determinando as condições históricas do indivíduo, influenciando suas oportunidades e direcionando a uma estrutura de vida.

Isso ocorre também nas normas fixadas em cada grupo social, que com a sua cultura e história predeterminam o que se espera de homens e das mulheres, definindo características pessoais e atribuições ensinadas desde a infância e garantindo que cada um saiba seu lugar e função. A influência que cada indivíduo recebe da sua comunidade e do contato com o outro, é realizada como um método de ensino-aprendizagem e contribui para a construção de uma identidade social.<sup>21</sup> Uma identidade que, para além do individual, caracteriza o grupo, dando uma consciência de pertencimento e cuidado de seus iguais.

É possível ver essas transformações na visão que cada sociedade tem do ser mulher ao longo dos anos. Suas características, atribuições e posições foram se modificando a partir de algumas ações em seus respectivos grupos e assim forjando e modificando a identidade feminina. Durante os séculos XVIII e XIX existiram diversos autores que definiram a concepção do que é ser mulher utilizando temas como a feminilidade e constituição do corpo feminino, introduzindo, como efeito de suas análises, “a existência de uma essência feminina voltada para a passividade ao desejo masculino”<sup>22</sup> e a procriação. Rousseau (1962/1973)<sup>23</sup> foi um dos principais nomes que determinaram como a mulher seria vista naquela época, para este autor, homens e mulheres são seres com naturezas diferentes e que por isso, possuem diferentes necessidades e atribuições.<sup>23:415</sup>

Com essas e outras afirmações, mostra, em seu livro *Emílio ou da Educação* (1762/1973), um ideal de feminilidade esperado naturalmente das mulheres. O corpo feminino, desenvolvido principalmente para a reprodução e maternidade, também possui uma “essência feminina”.<sup>22</sup> A mulher deveria ser contrariada desde sua infância para aprender a aceitar com satisfação a submissão que lhe é imposta.<sup>23</sup>

Isso reflete em como a mulher passa a ser vista pela sociedade, como um ser dedicado ao amor e à família, tendo como função social ser mãe, esposa e “rainha do seu lar”, com pouco ou nenhum contato com os ambientes externos e distante dos problemas que devem ser direcionados aos homens, os mantenedores e protetores da casa.<sup>24</sup>

Trazendo reflexões sobre o existencialismo e a condição feminina, Passos (2000)<sup>25</sup> contraria essa essência feminina, afirmando que um sujeito não se torna mulher pelo seu sexo biológico, mas sim, pela construção social que lhe é atribuída, atravessado por ensinamentos, cobranças e valores do que é esperado ao feminino. Sendo assim, as características que a definem como mulher, são repassadas através das gerações visando manter essa identidade feminina.<sup>25</sup>

Um artigo publicado, que compara as matérias de uma famosa revista feminina, a Claudia Magazine, desde o ano de 1961 até 2011, afirma que o estereótipo feminino representado pela revista envolve mulheres com um padrão irreal de beleza nas capas, temas sobre como educar os filhos e cuidar de suas casas, entre outros. Revela que mesmo com o passar do tempo, essa identidade feminina permanece dentro dos padrões estabelecidos anteriormente, porém, coloca a beleza como uma base de formação identitária feminina, dando-lhes um lugar de pertencimento para além do cuidar do outro.<sup>26</sup>

As mulheres apresentadas nas revistas possuem, geralmente, traços europeus, bem diferentes do fenótipo brasileiro, fazendo “uma corrida” por um padrão de beleza difícil de ser alcançado para a maioria das assinantes. Ele coloca a beleza como parte fundamental da feminilidade, considerando-a como ideal e sinônimo de felicidade e promovendo essa “corrida pela beleza” entre as mulheres que cada vez mais estão em busca de técnicas ou intervenções cirúrgicas para alterarem o que consideram imperfeito em seus corpos.<sup>26</sup>

E se colocarmos as mulheres negras sob perspectiva, vencer essa “corrida” se torna ainda mais inatingível. Não encontrando muitas opções de produtos e cosméticos adequados à sua pele e cabelo, as mulheres negras não conseguem fazer parte desse processo identitário feminino e deste mundo trazido pela revista. Ter que lidar com este padrão de beleza e se encaixar neste estereótipo é desafiador, fazendo a mulher negra afastar-se cada vez mais de



si, e da sua cultura para buscar este ideal. Ser rejeitada devido ao seu cabelo crespo, por exemplo, pode revisitar sentimentos de inferioridade e tristeza, e para lutar contra esses sentimentos, é necessário criar estratégias,<sup>27</sup> como transformar seu cabelo no mais próximo possível do estereótipo imposto, utilizando de produtos químicos, de calor, entre outros.

No Brasil, quando olhamos para nossos antepassados, não vemos a história de povos do continente africano e seus heróis, a história que nos é contada é de um povo omissos, que se deixou ser escravizado, identificados por outros como “negros, crioulos ou pretos, sem qualquer respeito as suas diferenças culturais”.<sup>28</sup> Populações que tiveram suas identidades reconstruídas em meio a atravessamentos de outras culturas, e de preconceitos que negam suas características e diminuem a sua existência. Seus traços são desvalorizados e, se tratando especificamente da mulher negra, há uma ênfase na erotização de seu corpo, e suas capacidades reduzidas às heranças da escravidão, ou seja, para a mulher negra são atribuídas funções de limpeza e cuidado de crianças, não conseguindo ter acesso a posições de liderança e de autonomia.<sup>27</sup>

Cardoso<sup>29</sup> nos traz que essa definição de suas funções, “representam as distinções de gênero codificadas pelo racismo através de diferentes discursos”, onde a interseccionalidade entre raça e gênero operam com repercussões negativas para a mulher negra.<sup>29</sup>

E isso se manteve culturalmente na sociedade brasileira, segundo o dito popular mencionado por Freyre,<sup>30</sup> “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, mostrando uma objetificação do corpo feminino, separando-o em utilidades baseadas no desejo do homem. Ele ainda reflete, em uma “superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata”, classificando-as por um julgamento próprio, e determinando o lugar ao qual podem pertencer.<sup>30</sup>

## Vivências

(...) Percebi que a superexposição a bonecas e personagens brancos faziam com que elas desejassem ser brancas. Os personagens preferidos dela eram todos brancos, as bonecas, também. Um dia ela [sua filha] me perguntou: ‘de que cor eu sou?’. Disse que ela é negra e ela falou que preferiria ser branca.<sup>31:930</sup>

A desvalorização dos traços fenotípicos das mulheres negras ocorre desde sua infância e mesmo após a vida adulta, as mulheres ocupam uma posição social de inferioridade, e nesta, também está incluída sua aparência, comentários como “apesar da cor, devem ser limpinhas, arrumadinhas, educadas”,<sup>32</sup> refletem qual é o lugar que podem ocupar. O cabelo, um dos traços mais valorizados na constituição da autoestima feminina, se torna, por conta das

vivências experienciadas, um marcador de sofrimento mental, descrito conforme o relato deste artigo como “cabelo-maldição”.

Tudo começou quando eu tinha cinco anos de idade. Cabelos crespos, nos ombros e um volume alto. Um cabelo que não tinha culpa de nada, mas que era chamado de ruim. Não havia muita representatividade ao meu redor. [...] Com sete anos decidi usar cabelo solto algumas vezes, mas logo desisti quando vi os comentários sobre o volume demais. Passsei a acreditar que realmente era incômodo e feio ter o cabelo que nasci (grifos nossos).<sup>32:452</sup>

Os relatos também destacam os efeitos psicológicos causados por essas agressões, devido ao cabelo pode trazer a meninas/mulheres negras.

Na escola, cansei das vezes em que meu cabelo foi piada, considerado sujo, comparado a produtos de limpeza. Das inúmeras vezes em que os meninos não queriam fazer par comigo na festa junina, pois não dançariam com a ‘neguinha’. E o que mais doía é que toda a sociedade concordava com aqueles meninos.<sup>32:453</sup>

Essas experiências nos mostram o quanto a configuração social existente não aceita o cabelo crespo da mulher negra e quando isso se torna um fato também para ela, sua única alternativa é recorrer às primeiras transformações físicas, com o objetivo de pertencer ao grupo e deixar de ser alvo de ataques racistas.

Eu já alisei meu cabelo quando era pequena. A pressão da sociedade me fazia alisar, porque na escola as meninas ficavam falando que meu cabelo era duro, ruim, de bombril, essas coisas. Aí, pra não ser mais zoada por toda a escola, eu pedi pra alisar o cabelo, porque a gente sofre muito lá.<sup>32:454</sup>

O racismo também se manifesta através do aumento da violência que atinge as mulheres negras. Segundo o atlas da violência de 2020, analisando o período entre 2008 e 2018, a taxa de homicídios entre as mulheres negras aumentou 12,4% e caiu 11,7% considerando as mulheres não negras. Além do aumento de assassinatos contra as mulheres negras, as que sobrevivem precisam lidar com a morte de seus filhos, que também cresce de forma desproporcional, o relato de Mônica retrata a realidade: “queria fazer com que todo mundo reconhecesse o quanto o Brasil possui um racismo estrutural, que arranca os filhos dessas mulheres negras, como arrancou o meu (...)”.<sup>34</sup>

Adriana Pires da Silva, mãe de Carlos Eduardo da Silva Souza, de 16 anos, um dos cinco jovens assassinados com mais de 100 tiros disparados pela polícia no dia 25/11/2015. Os rapazes, todos negros e com idades entre 15 e 25 anos, voltavam para casa após comemoração do primeiro emprego de um deles, quando o carro em que viajavam foi metralhado pela polícia. Além do ataque desproporcional, os policiais ainda tentaram incriminar os rapazes e alterar a cena do crime e suprimir provas. *Adriana, devastada, já tentou suicídio três vezes desde a morte de seu filho. As mães e pais dos outros rapazes seguem aguardando reparação e punição dos culpados.*<sup>34:290</sup>

Como demonstrado nos relatos, o impacto à saúde mental das mulheres negras é grande, e mostra que essa violência pode influenciar diretamente no desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade e depressão,<sup>34</sup> além dos traumas vivenciados por elas.

Vitor Santiago, 32 anos, carrega marcas da guerra no corpo. Em 11 de fevereiro de 2015, ele foi assistir a um jogo do Flamengo com amigos. Levou dois tiros de fuzil quando voltava de madrugada para casa, na favela da Maré. Teve a perna esquerda amputada, perdeu parte do pulmão e ficou paraplégico. O Exército ocupava a comunidade com promessas de pacificação, desde 2014. Havia montado diversas barreiras chamadas de checkpoints para monitorar o bairro. O veículo no qual Vitor estava parou em um desses pontos e os ocupantes agiram de maneira padrão: acenderam a luz interna, baixaram o vidro e desligaram o rádio. Vitor e quatro colegas — um deles sargento da Aeronáutica — foram revistados, tiveram documentos checados e seguiram viagem. Cerca de 15 minutos depois, vieram os disparos. Na barreira seguinte, militares de plantão atiraram contra eles. Todos saíram do carro e deitaram-se no chão. Vitor, nesse momento, estava desmaiado. Ninguém mais ficou ferido. Os mesmos homens socorreram o jovem e usaram um tanque de guerra como ambulância para levá-lo a uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Vitor ficou quase quatro meses no hospital. Foram sete dias em coma e, quando acordou, não tinha mais os movimentos da perna que lhe restou. Irone Santiago ficou o tempo todo ao lado do filho no leito de internação. Voltou a trocar as fraldas dele e alimentá-lo. Viu o jovem, técnico em segurança do trabalho e membro do Corpo de Dança da Maré, tornar-se dependente de uma cadeira de rodas. (...) Com problemas psicológicos em decorrência do ocorrido, Irone procurou diversas vezes UPAs e hospitais, nunca teve acompanhamento terapêutico e recebeu apenas indicação para tomar medicamento controlado. “O Estado mutilou meu filho e me deu um Rivotril”, afirma (grifos nossos).<sup>34:292</sup>

Como essas vivências podem reescrever a vida de mulheres negras? Atravessadas pela violência, marcadas com desprezo e ódio pela cor da pele e dos traços que a acompanham. Um olhar da psicologia pode ser efetivo em acolher esse sofrimento, ou não.

A psicologia no Brasil ainda é construída a partir de uma visão colonialista, onde seus principais autores são homens, brancos e europeus. Isso nos traz uma limitação que nos impede de pensar sobre saúde mental para além da existência branca, dificultando o acolhimento às pessoas negras, além de colaborar para elas “sentirem que não estão sendo compreendidas em suas questões e nem escutadas como pertencentes a um povo que durante mais de 300 anos foi escravizado e que só há 130 anos foi liberto”.<sup>13</sup>

Ametista, por exemplo, muito crítica com a psicologia em geral, expressou-se: “Mas todas as experiências (com psicoterapeutas) que tive sempre confirmaram as críticas [de que a psicologia não daria conta das especificidades das vivências raciais]”. Quando levava questões do racismo sofrido para a terapia, sua terapeuta branca tentava convencê-la de que “[...] somos todos um, que somos todos iguais... Parece que as pessoas não ouviam o que eu estava falando e afirmavam uma universalidade da experiência”. Diamante (...), avaliou que o estranhamento das vivências negras, perpetuado pela formação, impede quaisquer esforços de compreensão por parte dos profissionais brancos. (grifos nossos).<sup>35:9</sup>

Através desses relatos, podemos perceber que mesmo em diferentes situações, como pequenas partes de uma grande estrutura, o racismo se fez presente, podendo interferir na saúde mental de mulheres negras, desde o seu processo de desenvolvimento durante a infância até a vida adulta, capaz de modificar sua percepção de si e do mundo.

## MÉTODO

A pesquisa iniciou após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, via Plataforma Brasil, CAEE 43364621.8.0000.5594 de 04/03/2021, sendo disponibilizado para as participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aconteceu entre os meses de fevereiro e outubro de 2021, utilizando uma metodologia qualitativa, com auxílio de plataformas digitais de videoconferência nas entrevistas e orientação pedagógica. Foi realizada em duas etapas seguindo um cronograma, foi inicialmente feita uma busca na bibliografia existente sobre a temática étnico-racial, utilizando os seguintes descritores: *identidade feminina*, *racismo* e *vivências de mulheres negras* em artigos e livros. Em seguida, foram realizadas entrevistas com quatro mulheres, foram selecionadas as mulheres que se autodeclararam negras e residentes da cidade de São Paulo como critério de seleção, separadas por faixa etária (18 à 25, 26 à 40, 41 à 59 e acima de 60 anos), utilizando o método de história de vida.

Teve como objetivo buscar as possíveis consequências do racismo na construção da identidade da mulher negra. O método de história de vida foi escolhido porque através das histórias contadas, conseguimos entrar em contato com a sua realidade social, possibilitando compreender como sua vida de forma individual foi influenciada pelo grupo que pertence e como pessoas distintas podem ter vivências parecidas a partir deste mesmo grupo.

Foram realizadas entrevistas de forma não estruturada, convidando as participantes a contarem suas histórias de vida. O vínculo construído durante os relatos, característica principal do método, contribuiu para compreendermos suas vivências de forma ampla, adentrando em cada uma delas.

Com o intuito de preservar a integridade das participantes, foram escolhidos nomes fictícios para as representarem, e se tratando da visibilidade feminina, os nomes homenageiam mulheres negras que tiveram durante suas vidas importantes feitos para a população.

## Participantes

1. Ruth de Souza, 21 anos, ensino médio completo, classe baixa, se vê como uma menina empoderada e determinada. Ao se descrever, sentiu que estava abrindo o livro de sua história, e relembando os momentos mais importantes da sua vida. Não se sente mais influenciada e afetada com comentários e atitudes racistas que ainda vivência no dia a dia, passou por processos de aceitação de sua imagem e principalmente dos seus cabelos crespos.

*“Eu vivia para as pessoas, vivia pelo que a sociedade colocava o que a gente tinha que ser, então a gente precisava sempre tirar isso porque era a maioria contra você mesmo. Aí a gente determinou, eu não quero mais ter cabelo liso, eu quero ser quem eu sou!”*

2. Dandara, 27 anos, ensino superior completo, classe média. É psicóloga e acredita que estudar psicologia tem muito a ver com quem ela é e seu lugar no mundo. O fato de não enxergar a psicologia em sua realidade de vida, a fez estudar sobre as vivências raciais, e os impactos na saúde mental de estudantes negras.

*“Tem dias que são mais fáceis, outros dias mais difíceis, mas é uma janela que eu não consigo mais fechar, fingir que não sei que isso existe, e que impacta minha vida e no dia que eu tiver filhos, vai impactar a vida deles”.*

3. Tereza de Benguela, 54 anos, ensino superior completo, classe média. Nasceu numa pequena cidade no interior da Paraíba e veio para São Paulo com quase 17 anos. Desde criança sentiu diferenças por ser negra, e acha que isso acontece em qualquer local, seja no interior ou na capital.

*“A mulher já tem um lugar de conquistas difíceis ao longo da vida, se ela não quer seguir o padrão de cuidar de uma casa e só, esse lugar que era direcionado principalmente à minha geração, qualquer mulher que quisesse fugir e não aceitar isso, ela sofria muito. Ainda mais sendo negra, e quem tem condição de fazer essa leitura sofre, porque não tem uma ignorância que a protege.”*

4. Yvone Lara, 60 anos, ensino superior completo, classe média. Seu sonho era ser psicóloga, mas estudou pedagogia, pois tinha dificuldades financeiras. É professora há 30 anos e hoje trabalha em uma creche.

*“Às vezes a gente se senta para conversar e falamos das coisas que aconteceram com a gente, e vem muito isso na minha mente, porque falam que a gente esquece, mas a gente não esquece, a gente guarda, porque até hoje eu lembro. É uma coisa que fica, e que marca a vida da gente, e marcou muito a minha vida, muito”.*

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Infância

O primeiro tema a ser citado será sobre a infância, cada relato, embora com suas experiências individuais, carrega diferentes ângulos de uma mesma vivência, a do racismo nas suas primeiras experiências sociais, principalmente na escola.

Dandara: O ambiente escolar? Não sei, acho que se tem uma pessoa que fala que sente muita falta da escola, dificilmente essa pessoa é negra. Porque não é um ambiente bom e ali foi quando começou vários tipos de coisas, por exemplo, do alisar o cabelo (...), de alisar para ficar mais bonitinho e tal. Porque depois que a gente vai crescendo não quer ficar só com as trancinhas né, a gente quer o cabelo solto, quer um cabelo que balance e começa muito nisso. É a neguinha, é o cabelo ruim, e você não quer ser a neguinha do cabelo ruim, e você acaba alisando porque vai entendendo que isso é uma coisa muito ruim. (grifos nossos).

O relato de Dandara, se articula com o relato da Ruth, que também descreveu a experiência difícil que teve durante o período escolar.

Ruth: *A escola eu acho que é o pior, ela é literalmente uma sobrevivência, você tem uma pré-vida ali.* Porque são crianças que acabam fazendo o que elas aprendem em casa, o que elas ouvem em casa, tipo “minha mãe fala que seu cabelo é ruim, então eu vou falar também”, eu ouvia tanto isso na escola (...) quando eu soltava meu cabelo era a neguinha do cabelo duro, então meu, era complicado. E aí eu pensava, não, então eu tenho que alisar, a minha amiga tem o cabelo liso e ela não é zoada, então eu vou alisar também, mas aí se eu não fosse zoada pelo cabelo eu era zoada pela cor, a macaca da turma! É como se as pessoas sempre diminuíssem você a uma coisa, então “ah, você está com o cabelo liso, mas ainda é negra”, mesmo com o meu cabelo lambido, porque eu media meu cabelo na régua e mesmo assim eles ficavam me zoando. (grifos nossos).

Esses relatos nos remetem aos outros encontrados durante a pesquisa bibliográfica, trazendo sempre, muito sofrimento mental e traumas, que são carregados durante a vida das vítimas.

Yvone: Eu não tive colegas claras, brancas, eu tive mais negras, quando eu me aproximava das meninas brancas, elas fingiam que eu não estava ali, se afastavam, e eu fui crescendo e fui percebendo que elas não queriam proximidade comigo, então eu fui procurando mais amigas de cor, mais amigas negras, meninas brancas era muito raro, muito raro mesmo ter alguma amiga clarinha, vamos dizer brancas né (risos).

Tereza: Aí comigo foi assim, na escola aconteceu de eu entender que era uma questão racial pelos apelidos né, neguinha, nega do cabelo duro, nega de cabelo de bombril, na hora das brigas que a gente tem alguma discussãozinha era isso, e na hora de brincar de roda, por exemplo, a gente brincava muito de “pequeninha” na hora do recreio, brincava de roda e aí algumas crianças não queriam pegar na minha mão.

Nesse momento, elas deixam de ser apenas crianças, se tornam negras. Um rótulo utilizado para inferiorizar, diferenciar e fazê-las questionarem sobre si mesmas.

Tereza: É sempre um sentimento de não inclusão, de não fazer parte, um sentimento de fora do padrão, fora do sistema (...). Um sentimento de inadequação, de sentir-se não bonita, não inteligente. Porque também gritaram-me negra, no sentido de que me acusaram de ser negra, dito como uma agressão: “sua negrinha!”, então eu também fui dessa: apontaram-me negra.

Ruth: E literalmente, as pessoas na rua, os comentários, a escola, todo mundo, sabe. E você é uma criança cara, o que você falar para uma criança ela vai ouvir, ela vai guardar para o coração e colocar em prática.

### **Relações afetivas e autoestima**

Houve relatos de como as relações com os outros foram moldadas a partir do racismo. O desenvolvimento do seu autoconceito e autoestima foram ligados a comentários alheios sobre quem elas eram ou deveriam ser.

Tereza: Eu também queria ser modelo quando eu cheguei em São Paulo, manequim (...) O meu patrão do mercadinho, português, falava para todas as madames clientes assim: quer ser modelo, nunca vi modelo preta, quer ser Xuxa preta.

Yvone: E as meninas e os meninos saíam correndo atrás de mim, falando “olha o cabelo duro dela! Olha como está o cabelo dela!” (...) sabe essas coisinhas né, e eu chorava, chorava muito.

Nos casos de Dandara e Ruth, ambas trouxeram junto com seus relatos, sentimentos de raiva, cansaço, inconformadas com as situações que ainda passam no seu dia a dia.

Dandara: Tipo assim, você ralou muito e quer viajar, quer ficar num hotel super chique, aí você está lá no hotel super chique e as pessoas te confundem com a empregada, aí você fala “cacete meu! Nem nas minhas férias eu posso esquecer disso!”

Ruth: A pior coisa é você chegar em um lugar e todo mundo ficar falando “nossa, eu posso tocar?”, como se fosse algo inédito sabe, eu me sinto mal e não dá para levar isso como um elogio, não dá. Aí tem umas mulheres que falam “ah, sempre quis ter o cabelo igual o seu” dá vontade de falar “mentira, porque nem eu queria ter um cabelo igual o meu! então para de mentir cara...”, não é assim e é engraçado que as pessoas hoje que estão se aceitando, e aí tem essa de “ai, quero um cabelo igual a esse” mas não sabe o trabalho e a reconstrução que a gente teve que passar, então não é simples assim.

O medo e a incerteza também estão presentes ao falarem de suas relações afetivas, seja nas primeiras experiências ou em relações duradouras, no sonho de ter filhos e construir uma família.

Dandara: Agora na adolescência foi que o bicho pegou hein. Era triste, porque é nessa época que você começa a ter as relações ali, afetivas e se relacionar, e é isso! Nunca é a mina bonita, eu lembro que os meninos faziam lista das alunas mais feias da sala, e eu sempre, sempre era uma das mais feias, nunca era a menina que era a paquerada, era sempre aquela que era usada de ponte para chegar na amiga bonita, nas festas ninguém queria ficar, tanto que fui ficar com alguém na escola no último ano, quando nem tinha mais graça.

Tereza: A maternidade fica afetada, porque você quer ter filhos e para ter filhos é preciso se relacionar primeiro com alguém, (...) aí você pensa, “nunca vou ser mãe, porque eu não vou namorar ninguém”, ou “eu nunca vou ser apresentada, nunca vou fazer uma viagem com meu namorado, com alguém que fique comigo, porque essa pessoa não me apresenta para família, quem dirá viajar comigo”.

(...) Eu comecei a ser mais militante, comecei a estudar sobre racismo, ele foi ficando muito bravo e foi até um dos motivos que fez o nosso casamento ir se intensificando para finalizar. Eu lembro que em uma das discussões ele dizia: eu não me casei com uma negra! Porque eu era muito militante e estava muito inserida nas reuniões, nos estudos, na discussão, e ele tinha muita raiva quando eu ia para os lugares frequentados por pessoas negras. Porque ele não se casou com uma negra, ele se casou com uma mulata, gostosa.

Cada relato descrito, nos traz uma pequena parcela do dia a dia das mulheres negras que vivenciam essas e outras experiências. O método utilizado, nos trouxe uma perspectiva social de cada história contada individualmente, trazendo dados subjetivos experienciados de forma coletiva que nos possibilita ter um panorama maior do que é ser uma mulher negra, vivendo na cidade de São Paulo.

Como citado anteriormente, as experiências de uma infância atravessada por atitudes discriminatórias trazem efeitos que podem permanecer durante toda a vida do sujeito. Os relatos trouxeram experiências de bullying e preconceito racial durante o período escolar, onde sentimentos de medo, insegurança, raiva, entre outros, são amplamente refletidos.

Viver uma infância com narrativas incapacitantes e cheias de estereótipos, podem influenciar a construção da sua autoimagem. Trazendo uma perspectiva de incapacidade, baixa autoestima e inferioridade,<sup>27</sup> vivenciando um auto-ódio e possibilitando uma negação de si enquanto sujeito de direitos e qualidades.

A experiência da negritude é marcada pelo desprezo e pelo ódio que a branquitude projetou sobre as vidas negras desde a escravidão até os dias de hoje. Ódio que, introjetado nas subjetividades negras, resulta num doloroso processo de auto-ódio.<sup>13</sup>



Além dessas experiências, ser mulher se torna mais um empecilho. Numa sociedade que não vê beleza em nenhum de seus traços e os desvaloriza, a pressão sofrida pode desencadear em tentativas de modificação da imagem.

Tereza: Ela (irmã) passou um produto muito forte na época, isso era na década de 70, e esses produtos eram muito agressivos e aí o meu couro cabeludo machucou todo, eu fiquei traumatizada desde aquela época, e eu pensava assim, “para que fiz isso no meu cabelo?”

Dandara: Ela (mãe) tinha aqueles pentes que esquentam na boca do fogão. Ela usava aquilo e usava em mim, depois era a prancha, depois era aquela coisa da escova progressiva que tinha um cheiro ruim, os olhos lacrimejavam porque no começo tinha muito formol, eu lembro da irritação que aquilo causava. Mas assim, a gente não tinha esse questionamento, nem por parte dela nem por parte do meu pai, tipo, por que vocês alisam o cabelo?

Podendo trazer prejuízos à saúde e facilitando o aparecimento de transtornos mentais,<sup>34</sup> prejudicando sua qualidade de vida e acesso ao trabalho e à educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resultado, durante a pesquisa bibliográfica trazemos algumas construções sociais que influenciam a vida dessas mulheres direta e indiretamente. Notamos que durante as entrevistas realizadas, algumas vivências e sentimentos em comum das participantes, mesmo em diferentes perspectivas, como as citadas acima, além de outras como a solidão da mulher negra, os preconceitos enfrentados no ambiente de trabalho e a hipersexualização, que não foram citados neste artigo, mas relatados pela maioria delas. Concluímos que as consequências do racismo na construção da identidade da mulher negra possuem traços sociais, onde as experiências em comum dessas mulheres influenciaram de formas parecidas sua autoestima e autoconceito, mas que também possuem traços subjetivos, onde cada uma percebeu e enfrentou essas e outras experiências à sua maneira. Ao longo da elaboração deste artigo, percebemos a dificuldade de encontrar pesquisas a respeito do tema, mesmo sendo um aspecto importante na configuração atual da sociedade brasileira e esperamos que essa pesquisa possa contribuir com o desenvolvimento do tema dentro da psicologia, tanto para os profissionais da área como para a população negra.

## REFERÊNCIAS

- 1 CFP - Conselho Federal de Psicologia. Relações raciais: Referências técnicas para a prática do Psicólogo. Brasília, setembro, 2017
- 2 Almeida S. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte. Editora: Letramento, [s.n.] 2018
- 3 Munanga K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03
- 4 Ribeiro D. Pequeno Manual Antirracista. Companhia das Letras. São Paulo, 2019
- 5 Batista W. A Inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. Revista Direito e Práxis. 9 (4). Outubro, 2018
- 6 Instituto Ethos. Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. 2016. Acesso em 04/04/2021. Disponível em: [https://www.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil\\_Social\\_Tacial\\_Genero\\_500empresas.pdf](https://www.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf)
- 7 Carrera F. Raça e privilégios anunciados: ensaio sobre as sete manifestações da branquitude na publicidade brasileira. Revista Eptic v. 22, n. 1. jan/abr. 2020
- 8 Gouvêa J, Oliveira J. Por que branquitudes, por que (somente) agora?. Jan/2021. 28(2):5-14. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/57245>
- 9 Munanga K. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 4, n. 8, p. 6 - 14. 2012
- 10 Bento M. Pactos Narcísicos do Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. USP – Instituto de psicologia. P. 7. São Paulo, 2002
- 11 Schucman L. Entre o “encardido”, o “branco”, e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2012
- 12 Gesser R, Costa C. Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. Rev. bras. psicodrama vol.26 no.1. jan./jun. 2018
- 13 VEIGA L. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, p. 244-248. set/2019
- 14 BENTO M. Branqueamento e branquitude no Brasil. P. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- 15 Fanon F. Pele Negra Máscaras Brancas. tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008
- 16 Damatta R. O que faz o Brasil, Brasil?. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1984
- 17 Bock A, Furtado O, Teixeira M. Psicologias. 14ª edição. Saraiva. São Paulo, 2017
- 18 Bock A, Gonçalves M, Furtado O. Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. Editora: Cortez. São Paulo, 2001
- 19 Junior N, Lara A. Identidade: Colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação. Psicologia & Sociedade, 29. Universidade de São Paulo, 2017
- 20 Ciampa A. Entrevista para a revista construção pedagógica. Constr. psicopedag. v.14 n.1. São Paulo, dez/2006

- 21 Brandão, C. Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural. Brasiliense. São Paulo, 1986
- 22 Moreira A, Vieira M. Ideais culturais e o tornar-se mulher: a cultura na constituição da feminilidade. Trivium vol.12 no.1. Rio de Janeiro. jan./un. 2020
- 23 Rousseau J. Emílio ou da educação. São Paulo, 1973. Difusão Europeia do livro. (original publicado em 1762)
- 24 Coutinho, M. Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1994
- 25 Passos E. O existencialismo e a condição feminina. Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM; FFCH. pp 39-48. Universidade Federal da Bahia, 2000
- 26 Martins S, Prodanov C, Schemes C. A Revista Claudia e a construção da identidade social feminina (1961 e 2011). jan-jun, 2019. Revista Ártemis, vol. XXVII nº 1, pp. 457-478. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/39385>
- 27 Carvalho E. A identidade da mulher negra através do cabelo. Tese (Especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais). Universidade Federal do Paraná. Núcleo de estudos afro-brasileiros. P. 1-61. Curitiba, 2015
- 28 Conceição A, Conceição H. A construção da identidade afrodescendente. Revista África e Africanidades - Ano 2 - n. 8. fev. 2010.
- 29 Cardoso C. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320. setembro-dezembro/2014
- 30 Freyre G. Casa-grande e Senzala. Fundação Gilberto Freyre, Recife-Pernambuco-Brasil, 48ª edição, 2003, Global Editora
- 31 Cruz D. Algumas notas sobre bonecas para mulheres negras em Maputo. Estudos Feministas. 24(3): 398. setembro/dezembro/2016
- 32 Matos A, Oliveira A. Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2019. P. 445-463
- 33 IPEA - Instituto de pesquisa econômica aplicada. Atlas da violência. 2020. Acesso em 04/04/2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>
- 34 Passos R. Racismo, violência e o sofrimento das mulheres negras: diálogos a partir de Heleieth Saffioti. A mulher na sociedade de classes 50 anos depois: a atualidade de Heleieth Saffioti. 2019. v. 23 n. 43.
- 35 Damasceno M, Zanello V. Psicoterapia, Raça E Racismo No Contexto Brasileiro: Experiências E Percepções De Mulheres Negras. Psicologia em Estudo, v. 24, 12 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/42738>

**CONTATO:**

Laís Rafaela Nascimento Silva: [lais.10163@hotmail.com](mailto:lais.10163@hotmail.com)